

UMA HERANÇA DE OBAMA

*** Roberto Rodrigues**

Em recente seminário organizado em Washington pelo “Think tank” InterAmerican Dialogue foi mais uma vez debatido o recorrente tema da contribuição do Mercosul para a segurança alimentar mundial.

E mais uma vez ficaram claros alguns aspectos estranhos desta discussão.

O primeiro deles é o fato de que os formuladores de políticas públicas, no nível nacional ou no global, são em geral pessoas urbanas. Por isso, quando falam de segurança alimentar estão pensando na garantia de suprimento aos consumidores. Não há um raciocínio linear que contemple a cadeia produtiva toda dando o mesmo peso à produção e ao consumo. Oferta suficiente é o que importa. Produzir é uma consequência, e não um ponto de partida. Com essa perspectiva, faltam políticas articuladas pró aumento da produção agrícola.

O segundo é o velho número segundo o qual seremos 9 bilhões de pessoas em 2050, o que pressupõe um aumento da oferta de alimentos em cerca de 70% até lá. Tanta “água vai passar ainda debaixo da ponte”, tantas tecnologias revolucionárias aparecerão nas próximas décadas, tanta ciência será acrescentada ao conhecimento atual que parece improvável qualquer previsão, até mesmo quanto à quantidade de terráqueos daqui a 35 anos. Mas mesmo assim, a idéia de aumento em 70% da oferta - e até parece que oferta não tem nada a ver com produção - segue firme, mas com recomendações do tipo “não se pode cortar nenhuma árvore, não se deve usar defensivo agrícola ou fertilizante químico porque isso pode poluir o lençol freático e a atmosfera, transgenia é algo fantasmagórico, água deve ser preservada para uso urbano, máquinas agrícolas emitem CO₂”, e outras limitações. Em outras palavras, temos que aumentar a oferta, mas não podemos produzir.

E por último: não é claro para o mundo a importância agrícola que nossa região tem. Ao contrário, ela é vista com certo desdém. No evento foi dito inclusive que pensamos que somos mais importantes do que realmente somos, que devemos ser mais realistas quanto ao nosso real papel no segmento.

Foi ainda ressaltado o iminente risco de a Rodada de Doha da OMC terminar sem nenhum resultado significativo quanto aos objetivos para os quais foi criada: liberalizar o mercado agrícola global. Está claro que os países desenvolvidos não estão interessados em reduzir seu forte protecionismo, especialmente em um ano em que os estoques mundiais estão crescendo e os preços agrícolas são cadentes.

Por outro lado, o presidente Barak Obama está montando uma política internacional que lhe trará destaque. Aparentemente procura se colocar como um líder mundial relevante, e os movimentos recentes em relação a Cuba e ao Irã soam audíveis nessa direção.

No último painel do seminário, lancei um repto, pedindo à representante do USDA presente que levasse ao Presidente a seguinte mensagem: se o desejo é deixar um testamento de liderança global, teria que ampliar seu espaço de

atuação, saindo dos regionalismos, por mais emblemáticos que sejam os acordos no Caribe e no Oriente Médio. E a melhor maneira de fazer isso seria uma intervenção na Rodada de Doha, com redução do protecionismo agrícola americano, que na verdade vem crescendo com a nova Farm Bill. Com isso, ele forçaria a UE a seguir no mesmo caminho, e a Rodada terminaria com grande êxito, abrindo aos países emergentes uma inédita oportunidade de crescimento na produção agrícola, aumentando a oferta de alimentos e garantindo segurança alimentar planetária, única garantia de paz universal.

E Obama seria, aí sim, o grande herói da paz! Que herança maior poderia deixar de seu mandato?

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas**